

GÊNEROS ACADÊMICOS: METODOLOGIA DE TRABALHO EM CURSOS TECNOLÓGICOS

ACADEMIC GENRES: METHODOLOGY OF WORK IN TECHNOLOGICAL COURSES

Rosana Helena NUNES¹ (Faculdade de Tecnologia de São Roque, São Paulo, Brasil)

RESUMO: O artigo tem por objetivo mostrar a forma pela qual uma metodologia de trabalho poderá contribuir com o aprendizado em leitura e escrita acadêmicas. Ao chegar ao meio acadêmico, por vezes, o aluno apresenta dificuldades em leitura e escrita de textos de cunho científico. Pensar o ensino tecnológico em que haja condições de aprimoramento da escrita acadêmica, é considerar que esse ensino representará um salto epistemológico em relação a diferentes possibilidades de inserção do aluno, não apenas no mercado de trabalho, mas sim no mundo do trabalho. À luz de estudos desenvolvidos por M. Bakhtin (1992), E. Landowski (2002), D.L.P. Barros (2014), o artigo pretende dar avanço ao trabalho com a linguagem científica, tendo, como objeto de análise, resumos de artigos científicos, desenvolvidos por alunos de Gestão de Turismo e Gestão Comercial da Fatec/São Roque.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia de trabalho. Ensino tecnológico. Escrita acadêmica. Fatec/São Roque

ABSTRACT: The article aims to show how a work methodology can contribute to the learning in academic reading and writing. When arriving at the academic environment, sometimes the student presents difficulties in reading and writing scientific texts. To think of technological teaching in which there is a condition to improve academic writing, is to consider that this teaching will represent an epistemological leap in relation to different possibilities of insertion of the student, not only in the labor market, but in the world of work. In the light of studies developed by M. Bakhtin (1992), E. Landowski (2002), D.L.P Barros (2014), the article intends to advance the work with the scientific language, having, as object of analysis, summaries of scientific articles, developed by students of Tourism Management Course and Commercial Management Course of Fatec/São Roque.

KEYWORDS: Methodology of work. Technological education. Academic writing. Fatec/São Roque

1. Introdução

Sabe-se que o ensino de língua ainda apoia-se em concepções de estudo, em que se privilegiam aspectos puramente linguísticos em detrimento das especificidades que permeiam a comunicação humana. Há de se considerar tentativas de se transformar o

¹ Profa. Dra. Rosana Helena Nunes ministra aulas na Fatec/SR, em caráter indeterminado, desde 2014, com a disciplina de Língua Portuguesa I, II, III e IV, para o Curso de Gestão de Turismo, Português I, II e III, ao Curso de Gestão Comercial. Mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica/SP, Doutorado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica/SP, Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Campinas. Além da Fatec/SR, também ministra aulas na Fatec/Itu e Fatec/Indaiatuba.

ensino de língua por meio de diferentes metodologias de trabalho, quando do estudo dos gêneros do discurso, em especial, em cursos tecnológicos, foco norteador deste artigo. Costuma-se dizer que o trabalho com textos representa o ponto de partida e de chegada para o estudo da língua. Cumpre lembrar que o gênero do discurso compreende uma multiplicidade de possibilidades de trabalho por se tratar do objeto de ensino da língua. Trata-se de atentar a uma metodologia que privilegie o trabalho com gêneros acadêmicos em cursos tecnológicos.

Além disso, compreende-se também a importância de um trabalho com a linguagem acadêmica, em especial, a produção de artigos, bem como maior atenção no trabalho com a leitura e escrita acadêmicas. Com efeito, este artigo busca trazer à baila a contribuição da teoria do discurso bakhtiniana e da teoria semiótica no trabalho com a linguagem acadêmica, proposta essa desenvolvida em cursos tecnológicos para as aulas de Língua Portuguesa.

A Semiótica insere-se no quadro das teorias que se ocupam do *texto*. Em outros termos, a semiótica greimasiana preconiza a teoria do texto. Outrora, a linguística priorizava a teoria da língua e da linguagem e isso não permitia que fosse além da dimensão da frase. Falava-se em *linguística de língua*, quando se considerava a frase como elemento de análise, sem levar em conta o texto e o discurso. Com os estudos em direção ao sentido dos enunciados, em especial, a Semântica Estrutural, surgida na década de 60, passou a privilegiar uma mudança de posicionamento nos estudos da linguagem. Passou-se a considerar o texto, e não mais a frase, como unidade de sentido. E ainda, concebeu-se que o sentido da frase depende do sentido do texto. Sob essa ótica, surgiram os estudos referentes às teorias pragmáticas ou à enunciação, tendo como ponto em comum as relações entre a instância da enunciação e o texto-enunciado e entre o enunciador do texto e o enunciatário, para quem o texto é produzido (BARROS, 2002).

Para a Semiótica do discurso, o texto manifesta-se por meio do sentido e da diferença, o primado epistemológico da relação sobre os termos, oriundo de estudos de F. Saussure (1916)², precursor dos estudos referentes à ciência da linguagem. O princípio norteador que fundamenta a semiótica é a relação entre os termos que, por assim dizer, está na base do procedimento semiótico, tanto como projeto de construção de uma teoria geral da significação quanto como método de análise dos discursos e das práticas significantes.

² Precursor dos estudos referentes à Ciência da Linguagem, Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) era suíço e lecionou Linguística Geral na Universidade de Paris e de Genebra por mais de 20 anos. Seus conceitos foram proferidos em aula, e 3 anos após a sua morte (em 1916), dois de seus alunos (Bally e Sechehaye) publicaram *Curso de Linguística Geral*. Nessa época, inaugura-se a fase estruturalista dos estudos da linguagem. Assim, essa obra apresenta os pressupostos teórico-metodológicos dessa escola que acabam influenciando outras ciências sociais.

Assim, da concepção de linguagem que norteia o estudo dos gêneros e suas especificidades, bem como o diálogo com a teoria semiótica, este artigo tem a pretensão de mostrar que o trabalho com gêneros, em cursos tecnológicos, pode representar uma mola propulsora para ampliar o conhecimento do acadêmico no que tange à leitura e escrita acadêmicas. Para tanto, a primeira parte deste artigo refere-se aos postulados teóricos da teoria do discurso, em especial, o precursor Mikhail Bakhtin (1992) e o diálogo com a teoria semiótica, mais propriamente, a semiótica discursiva. A segunda parte, aos autores que se propuseram a apresentar a teoria de gênero, discípulos de M. Bakhtin (1992), voltados mais à área do ensino de língua. A terceira parte, à apresentação e análise de resumos de artigos científicos, resultado de um trabalho desenvolvido com acadêmicos do Curso de Gestão de Turismo e o de Gestão Comercial da Fatec São Roque.

2. Simulacro e polifonia do discurso: teoria semiótica e teoria do discurso

Sabe-se que a semiótica distingue *texto e discurso*. O discurso é a última etapa da construção dos sentidos no percurso gerativo de significação. É nessa etapa que a significação se apresenta de forma mais concreta e complexa. O discurso pertence, nesse caso, ao plano do conteúdo dos textos. O texto, por assim dizer, distingue-se do discurso por ter conteúdo (o do discurso) e expressão. A expressão também se organiza por um percurso que vai do mais simples ao mais complexo (BARROS, 2002).

Desse ponto de vista, cumpre lembrar que, além dos mecanismos e procedimentos linguístico-discursivos referentes à organização do texto, a semiótica também estuda as *relações (sócio)históricas* que levam à construção dos sentidos dos textos, em especial, a *semântica do discurso*. Essa semântica do discurso corresponde aos *percursos temáticos e figurativos* que determinam o exame das relações *intertextuais e interdiscursivas* que os textos mantêm com os textos que dialogam. Em outros termos, os textos dialogam em tempos e espaços diferentes. Dessa *dialogia* entre textos corrobora a noção de polifonia – vozes discursivas que perpassam a natureza dos textos e discursos (BARROS, 1999).

E, quando se fala em *polifonia*, reporta-se aos estudos desenvolvidos em direção à teoria do discurso por M. Bakhtin (1992). O autor e precursor buscou chamar a atenção sobre a *presença do outro* em discursos que, por assim dizer, eram pertencentes a um só sujeito. A enunciação em Bakhtin caracterizou-se pelo caráter dialógico em que as vozes (polifonia) pressupõem uma natureza de projeções de imagens, máscaras sociais representadas por um contexto sócio/histórico/cultural/ideológico.

B. Brait (1999), ao desenvolver estudos referentes à natureza dialógica da linguagem, considera que Bakhtin privilegiou o conceito de linguagem não propriamente oriundo de uma tendência linguística ou teoria literária, mas sim de uma visão de mundo que buscou nas formas de construção e instauração do sentido, o que leva a abordagens linguístico-discursiva, teoria da literatura, filosofia, teologia, semiótica da cultura, além de outras.

Conceber o fato de o estudo bakhtiniano relacionar-se a outras áreas de conhecimento, também é considerar a possibilidade de relacioná-lo aos estudos semióticos, em especial, no que diz respeito à instauração do(s) sujeito(s) no mundo. Para Bakhtin, o texto corresponde a uma compreensão respondente, de natureza dialógica, o que representa o próprio diálogo entre interlocutores. O texto, como atividade humana, compreende a natureza do enunciado concreto. Dito de outro modo, concebe-se o fato de o enunciado apresentar características que determinam diferentes possibilidades de interação humana. Toda manifestação da linguagem, por assim dizer, corresponde a um enunciado desde que este esteja relacionado a uma alternância de sujeitos falantes, a própria alternância de locutores.

Todo enunciado – desde a breve réplica até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em compreensão (BAKHTIN, 1992, p. 294).

O enunciado, segundo Bakhtin (1992), não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra do outro, como um sinal de término por parte do locutor. O que o autor ressalta diz respeito a unidades de língua e unidades de discurso. Aqui inicia-se uma problemática bastante relevante quando se trata de apropriação e assimilação da língua. O que torna a língua algo dinâmico, interativo, dialógico e dialético é justamente o fato de estar relacionada a diferentes sujeitos em diferentes situações de produção discursiva. E ainda, o que confere à língua o estatuto de heterogeneidade é relacionar-se a diferentes enunciados no elo da cadeia da comunicação. Daí Bakhtin considerar que o diálogo é a forma clássica da comunicação verbal.

Ao estabelecer um paralelo entre Greimas (1983) e Bakhtin (1992) no que tange à noção de *simulacro*, pode-se dizer que ambos evidenciam as condições de produção do discurso em estudos realizados *a priori*. O simulacro metodológico, concebido por Greimas (1983), representa três linhas: o sujeito da enunciação (alguém que diz), uma vez que todo enunciado tem como sentido inicial um sujeito da enunciação que, por assim dizer, desdobra-se em um enunciator (quem fala) e um enunciatário (para quem se fala). Isso denota que todo enunciado pressupõe uma interlocução entre os três.

Para Bakhtin (1992), há de se considerar a presença de *eus* no discurso, o *dialogismo* presente no ato enunciativo. Já Landowski (2002), esses *eus* performáticos constroem imagens, condições de interação semiótica entre sujeitos, a própria encenação dos actantes. Amplia-se, pois, a noção de contexto referencial para contexto semiótico, por se tratar de um conjunto dos traços (linguísticos ou não) referentes à atribuição de uma significação ao ato da enunciação considerado. E ainda, avança para os processos interativos e *simulacros em construção*, definidos por Landowski como pertencentes à existência e à manutenção de toda relação intersubjetiva da linguagem.

Desse modo, a construção de simulacros relaciona-se à dimensão social dos fatos de significação, relação essa entre os discursos e os sujeitos contextualmente

inscritos na sociedade e na história. Concebe-se o sentido, ou produção de sentido, pelo fato de a enunciação ser o ato pelo qual o sujeito faz o sentido ser, ou seja, o enunciado apresenta-se na mesma perspectiva como objeto cujo sentido faz o sujeito ser. Considera-se ainda a *narrativização da enunciação* propiciada por uma gramática translinguística. Aqui, estabelece-se, mais uma vez, um comparativo aos estudos bakhtinianos, quando postula uma translinguística para o estudo das especificidades das condições de produção do(s) discurso(s).

Bakhtin (1992), ao dedicar-se pesquisas relacionadas à ficcionalidade presente no gênero romance, salienta que todo romance deveria ser lido como um texto entre aspas. A enunciação nele reproduzida não é propriamente emissão de uma voz narradora, mas sim transmissão do discurso de outrem citado pelo autor. E ainda atenta pelo fato de o caráter fictício do romance ser condição de discurso de representação – discurso bivocalizado. Se, para Bakhtin, o romance representa a enunciação sobre a enunciação, vista como representação, a cenografia também se manifesta quando se fala em *simulacro em construção*, cenas que engendram discursos em situação, encenação dos actantes. Reitera-se, pois, o sujeito e seu espetáculo, o simulacro de sua existência social e semiótica, a dialogia manifesta no/pelos sujeitos em condições discursivas próprias.

Se o simulacro representa um espetáculo do sujeito ao instaurar como sujeito da enunciação, esse sujeito na narratividade do discurso percorre estados passionais. A encenação dos actantes remete à noção de polifonia, dialogia. Em outras palavras, não há sujeito único, singular e sim um dialogismo que estabelece posições sociais e passionais frente a diferentes situações discursivas. Cada sujeito se constrói a partir do outro, e ainda, esse outro representa o próprio sujeito que se desdobra em sujeitos.

Em outros termos, Landowski (2002) considera, como já o fizera Bakhtin (1992), o *eu*, apenas se define, a partir de um *outro*; além disso, o que esse *outro* apresenta como diferença perante o *eu* configura-se na própria consciência coletiva, como intermediação de uma alteridade a ser construída.

Com base nessas possibilidades de diálogo entre duas teorias que se complementam, *teoria de texto e teoria do discurso*, o propósito deste artigo é o de mostrar a forma pela qual uma metodologia de trabalho poderá contribuir com o aprendizado em leitura e escrita acadêmicas. Para tanto, o ponto crucial deste artigo é o de apresentar resultados de um trabalho desenvolvido em dois cursos, Gestão de Turismo e Gestão Comercial da Fatec SR, por meio da aplicação de uma metodologia de trabalho, em que se contemplou o desenvolvimento do aluno no trato com a linguagem acadêmica. Em outros termos, em que medida essa forma de pensar o ensino de língua decorre da própria construção de identidades dos sujeitos no ensino de língua e da concepção de gênero do discurso.

3. Gêneros do discurso e ensino

O que pode-se dizer por meio das palavras do pesquisador russo? Sua preocupação era como o ensino de língua? Na verdade, a preocupação de Bakhtin não

era propriamente com relação ao ensino da língua e sim buscar compreender como se dá a comunicação humana por meio da língua. Sua preocupação era buscar uma “resposta” a diferentes perguntas como a especificidade do “romance” em sua estrutura, composição, estilo e temáticas provenientes das diferentes épocas da história. Era justamente compreender o que traz a riqueza de uma língua se não a riqueza dos enunciados, não aqueles apenas padronizados por uma cultura, mas sim a heterogeneidade constitutiva da linguagem humana. Acerca disso, Bakhtin postula que

Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio por palavras isoladas. Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que organizam as formas gramaticais (sintáticas) (BAKHTIN, 1992, p. 302)

E como compreender tal noção de enunciado concreto, gênero do discurso, no ensino propriamente da língua? Há alguns estudos que comprovam o fato de a língua dever e pode ser aprendida por meio do trabalho com gêneros textuais. Essa denominação deve-se ao fato de alguns estudiosos adotarem a conceito de *gênero textual*, uma vez que a preocupação passa a ser o ensino de língua.

Em estudos realizados em escolas francesas, os suíços genebrinos Schneuwly & Dolz (2004) passaram a conceber o gênero como (mega)ferramenta para o ensino de leitura e escrita. Esses autores consideram o gênero como objeto de ensino de língua, uma vez que as características presentes no gênero possibilitam que esse seja visto como um instrumento de aprendizagem, deixando de lado apenas atividades puramente gramaticais e passando a tornar-se um objeto de estudo e ensino no trabalho com a compreensão e produção textuais.

Outro estudo bastante relevante é o de L. A. Marcuschi (2001), quando o autor considera que o ensino de língua deve levar em conta as diferenças e semelhanças entre fala e escrita, ora vistas como modalidades de linguagem, ora como práticas sociais (oralidade e letramento). O autor distingue práticas sociais de modalidades de uso da língua. Para a primeira, a oralidade corresponde à prática social interativa para fins comunicativos e se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; já, para a segunda, o letramento que envolve diferentes práticas de escrita na sociedade.

Daí compreender que letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita. Segundo Marcuschi (2001), as práticas de letramento correspondem a um tipo de processo histórico e social, não podendo se confundir com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional. E ainda, Marcuschi ressalta (2001, p.19): “O letramento não é o equivalente à aquisição da escrita. Existem letramentos sociais que surgem e se desenvolvem à margem da escola, não precisando por isso serem depreciados”.

Marcuschi (2001, p.19) salienta para o fato de que cada contexto de uso da língua, os objetivos são variados e de acordo com o uso que se faz da escrita nesses contextos. E postula que

Inevitáveis relações entre escrita e contexto devem existir, fazendo surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas. Seria interessante que a escola soubesse algo mais sobre essa questão para enfrentar sua tarefa com maior preparo e maleabilidade, servindo até mesmo de orientação na seleção de textos e definição de níveis de linguagem a trabalhar.

Por fim, a escrita corresponde a um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). “(...) trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala”. (MARCUSCHI, 2001, p.26)

O mais importante no estudo de Marcuschi (2001) é o fato de o autor reconhecer as relações entre oralidade e letramento ou entre fala e escrita como não dicotômicas. No primeiro capítulo da obra, *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*, o autor defende essa posição não dicotômica no tratamento da fala e da escrita, ou seja, a proposta é a de compreender as relações entre fala e escrita dentro de um quadro mais amplo no contexto das práticas comunicativas e dos gêneros textuais. Ao apresentar diferentes concepções de estudos referentes à *supremacia* da escrita frente à fala, o autor corrobora à concepção sociointeracionista de estudo em que prevalece a ideia de um estudo dos usos da língua e não propriamente um estudo gramatical. Em outros termos, a noção de funcionamento da língua como fruto das condições de produção de textos, uma vez que “a língua se realiza essencialmente como heterogeneidade e variação e não como sistema único e abstrato” (MARCUSCHI, 2001, p. 43).

Marcuschi (2001, p.43) salienta que

(...) toda vez que emprego a palavra língua não me refiro a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem a relações linguísticas imanentes. Ao contrário, minha concepção de língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como texto e discurso. Portanto, a heterogeneidade e indeterminação acham-se na base da concepção de língua aqui pressuposta.

Reconhece-se que são os usos que fundam a língua e não propriamente a gramática, a morfologia e que o pressuposto de que as diferenças entre fala e escrita compreendem o uso do código ou propriamente o sistema, o autor é contrário a essa concepção estruturalista da língua. Essas diferenças entre fala e escrita são fundamentadas na perspectiva do uso e não do sistema, bem como a relação fala-escrita torna-se mais congruente levar em conta não o código, mas os usos de código.

Da concepção sociopragmática ou sociocognitiva³, esta corresponde a uma abordagem propriamente funcionalista, a língua é vista enquanto prática de uso, assim ela é heterogênea, opaca, indeterminada, social, histórica e cognitiva. É para este paradigma funcional que os estudos da textualidade têm se voltado nos últimos anos.

³ Concepções de estudo da linguagem adotadas por diferentes correntes da Linguística.

Do ponto de vista textual-discursivo, compreende-se que toda atividade humana é regida por determinadas instâncias da comunicação verbal. As esferas da comunicação humana, como reconhece Bakhtin, governam ações, práticas discursivas num contexto sócio-histórico-cultural. Dessa diretriz, compreende-se também que toda prática escolar deve relacionar-se a uma concepção de língua, estabelecendo acordos tácitos entre locutor, interlocutor, ou seja, o ensino de língua deve pautar-se de uma concepção de língua em que os interlocutores possam apreender o real sentido da comunicação.

Estudos comprovam que todo falante de língua possui determinadas capacidades de lhe permite interagir com os demais membros de uma comunicação linguística. Marcuschi (2008), em sua obra *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, considera que o trabalho com a língua deve desenvolver-se por meio de uma perspectiva sociointeracionista, ou seja, a postura adotada pelo autor é a da textual-discursiva na perspectiva sociointeracionista. Dessa perspectiva, considera-se que todo texto, como evento sociointerativo, apresenta seu aspecto tanto organizacional interno como seu funcionamento sob o ponto de vista enunciativo. Com efeito, a língua deve ser vista por meio da atividade sociointerativa de base cognitiva e histórica, atividade essa desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados.

Sob essa ótica, esse estudo desenvolvido por Marcuschi (2008) apresenta-se dividido em três partes constitutivas: a primeira delas, o autor apresenta a trajetória dos estudos linguísticos, desde o surgimento da Linguística como “ciência da linguagem”, tendo como precursor F. Saussure (1916), lexicólogo e linguista suíço – estudo do sistema linguístico, a langue, descrição do sistema – até propriamente a Linguística de Texto, uma vez que justifica-se a preocupação do autor com o trabalho da produção textual, uma abordagem dessa natureza justificaria tal diretriz de estudos. E ainda, o autor destaca a forma pela qual o faz: análise da língua com base na produção textual, trabalho com a língua através do texto, objeto de estudo, a língua. Por fim, os fenômenos: texto, gêneros e a compreensão. A segunda parte de sua obra, Marcuschi (2008) apresenta as especificidades que compreende os gêneros textuais no ensino de língua.

Segundo Marcuschi (2008), tal estudo não é algo novo, já que iniciou-se com Platão, na concepção de gênero literário – tradição poética – *a posteriori* com Aristóteles, a teoria estende-se para a natureza do discurso a partir da Retórica. Para Aristóteles (apud MARCUSCHI, 2008), há três elementos que compõem o discurso: a) aquele que fala; b) aquilo sobre o que se fala; c) aquele a quem se fala. E ainda, em um discurso, existem, segundo Aristóteles, há três tipos de ouvinte que operam: a) como espectador que olha o presente; b) como assembleia que olha o futuro; c) como juiz que julga sobre coisas passadas. Para tanto, há três gêneros de discurso retórico: 1. Discurso deliberativo; 2. Discurso judiciário; 3. Discurso demonstrativo (epidítico). O primeiro refere-se ao elogio ou censura, situando-se na ação presente; o segundo, função de acusar ou defender e reflete-se sobre o passado; o terceiro, aconselhar, referente ao futuro por ser exortativo por natureza.

Dessa forma, os gêneros surgiram mais propriamente pelas mãos de filósofos, Platão e Aristóteles. Há de se considerar as estratégias e estruturas dos gêneros dadas por Aristóteles em relação à distinção entre epopeia, tragédia e comédia. Entretanto, como bem lembra Marcuschi (2008, p. 149), o conceito de gênero textual adquiriu outra ótica no momento que difere a de Aristóteles. Adota-se o conceito de gênero textual como um empreendimento multidisciplinar que compreenda a análise de texto e o discurso. “O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano geral”.

Segundo Marcuschi (2008), cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação, assim como postula Bakhtin (1992). Para tanto, todos os gêneros apresentam características próprias que o determinam: forma de composição, estilo e tema. Em outros termos, todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma. Daí, nas palavras do próprio Marcuschi (2008), o estudo de gêneros textuais torna-se uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais.

Assim, como Bakhtin nos permite refletir acerca da diversidade de gêneros na comunicação humana, considerando que a comunicação apenas acontece por meio de gêneros do discurso, sem isso não é possível a interação verbal entre os falantes de uma língua, Marcuschi (2008), ao compreender tal dinâmica da comunicação e a importância fundamental dos gêneros para tal comunicação, reconhece que é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, ou por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados por algum gênero. Daí a centralidade da noção de gênero textual no trato sociointerativo da produção linguística.

Aqui entra a noção de *tipo textual ou tipologia textual* no ensino de língua. Dito de outro modo, o ensino de língua pautava-se em tipologias textuais, quando no trabalho com leitura e escrita de textos. Para Marcuschi (2008, p.155), “em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas”. Em outros termos, os gêneros, diferentemente de tipos textuais (narração, argumentação, exposição, descrição e injunção como sequências retóricas) correspondem a padrões sociocomunicativos característicos, por assim dizer, definidos por composições funcionais, determinados objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados de acordo com o contexto sócio/histórico/cultural/ideológico.

Dessa concepção de língua, acreditava-se num ensino de redação a partir de *tipos textuais* e não propriamente o trabalho com gêneros textuais. Quando da noção de gênero para toda e qualquer atividade humana, o gênero do discurso corresponde a própria organização da sociedade como prática discursiva e comunicativa, já que representa padrões comunicativos socialmente utilizados que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global e, por assim dizer, também corresponde a um conhecimento social localizado em situações concretas, passou-se a considerar os

gêneros textuais como um instrumento, (mega)ferramenta para o trabalho com a leitura e a escrita de textos.

Partindo-se do pressuposto de que os gêneros escolares podem representar um (*mega*)instrumento (SCHNEUWLY, 2004) no processo de produção escrita, ou seja, considerar que os gêneros escolares estão presentes no contexto de sala de aula como gêneros orais e escritos, numa perspectiva didática, os gêneros textuais podem representar um avanço das práticas de produção de texto em sala de aula, no que diz respeito às práticas tradicionais de ensino de redação.

Os textos sempre se realizam em gêneros textuais. Das especificidades de cada gênero há as características presentes nos textos, dada as diferentes esferas da comunicação humana. Com relação ao ensino de língua, quando se trabalha com a noção de gênero textual, possibilita uma gama de ações sociais que levam o falante melhor interagir em práticas discursivas. Em outras palavras, dada a especificidade de cada gênero, este representa um indicador importante, uma vez que não são simples formas textuais, mas formas de ação social, além de orientadores da compreensão, como propõe Bakhtin (1992).

Se, de um lado, Bakhtin reconhecia que existiam gêneros primários e gêneros secundários em processo constante de transmutação de gêneros, hibridação, ou seja, gêneros primários tornando-se gêneros secundários, gêneros da esfera cotidiana tornarem-se gêneros de outras esferas mais complexas, como compreender os gêneros no ensino de língua como relações identitárias de construção e efeitos de sentido? E ainda, como compreender a forma pela qual se dá o aprendizado da língua portuguesa em cursos tecnológicos?

3.1 Gênero acadêmico: o trabalho com alunos de Gestão de Turismo e Gestão Comercial

Ao conceber a possibilidade do trabalho com gêneros acadêmicos no curso de *Gestão de Turismo e Gestão Comercial*, a proposta do artigo foi a análise de diferentes gêneros do discurso, sejam eles discursos intolerantes e gêneros digitais, à luz da semiótica das paixões e à teoria do discurso. Trata-se de uma dimensão de estudo que vai além dos princípios puramente linguísticos e sim discursivos e textuais, ou seja, conceber o trabalho com diferentes gêneros do discurso pode representar uma das possibilidades de ensino de língua em cursos tecnológicos, já que esse ensino corresponde à língua com fins específicos. Dessa perspectiva, pensou-se num trabalho que propiciasse ao aluno o contato com a linguagem acadêmica por meio do *gênero do discurso artigo científico*.

A disciplina de Língua Portuguesa, no curso Gestão de Turismo, acontece em quatro semestres consecutivos. Com efeito, adotou-se como ferramenta metodológica de estudo, a teoria semiótica, para análise de diferentes objetos de estudo. No segundo semestre, privilegiou-se a Semiótica visual (PIETROFORTE, 2004), por meio de três categorias de análise: cromático, eidético e topológico. No terceiro e quarto semestres, o

estudo intensificou-se por meio da Semiótica das Paixões (BARROS, 2014)⁴, quando da escolha da temática voltada aos discursos intolerantes. Em relação aos resumos, provenientes de artigos produzidos pelo(s) grupo(s), essa escolha se deu pelo fato de os grupos trazerem à baila dois contextos diferenciados em que pôde-se perceber a forma pela qual os processos de significação são construídos por meio de estados passionais dos sujeitos envolvidos. Isso reflete as especificidades que engendram os diferentes discursos em contextos social/histórico/cultural/ideológico diversos.

Já, com os alunos do curso de Gestão Comercial, o trabalho diferenciou-se com relação à temática adotada para estudo. A disciplina de Português⁵ acontece em três semestres consecutivos, em que o foco norteador é o trabalho com a língua, em especial, o trabalho com diferentes gêneros do discurso. Propôs-se a leitura do livro *Hipertexto e Gêneros digitais* (MARCUSCHI, 2010); cada grupo escolheu um dos capítulos para estudo mais aprofundado e elaboração de um artigo. Como se trata de dois cursos tecnológicos, com especificidades diferentes, optou-se por apresentar o resultado da metodologia desenvolvida por ambos, tendo como ponto crucial a leitura e escrita acadêmicas. E ainda, escolheu-se um dos grupos da sala pelo fato de o grupo ter abordado uma temática em que se privilegiou o *gênero virtual* como ferramenta de trabalho à área de Gestão Comercial.

(1) *A intolerância na rede social facebook⁶ sob ótica da semiótica das paixões⁷*

Resumo: *O objetivo deste artigo é o de discutir as hipóteses de que os discursos intolerantes de tudo que é considerado distinto da normalidade do sujeito, ou seja, tudo aquilo que vai contra aos acordos sociais já pré-estabelecidos é temido ou repudiado. As redes sociais são uma plataforma onde os discursos podem correr livremente, sem planejamento do que irá ser apresentado, gerando um discurso de excessos ou passionais. Por meio da rede social Facebook, será proporcionado a compreensão da Semiótica das Paixões, e como o tema paixões está completamente vinculado a este objeto de estudo, por apresentar discursos que podem ser inclusão ou exclusão. Assim, o artigo apresentou a análise de dois objetos de estudo por meio da teoria do discurso e semiótica das paixões em que se privilegiou a intolerância em redes sociais, dentre elas, a do facebook.*

PALAVRAS-CHAVE: *Discursos intolerantes. Redes sociais. Facebook. Semiótica das paixões.*

⁴ Esse estudo foi resultado da leitura do artigo, intitulado *O discurso intolerante na internet: enunciação e interação* de Diana L. Pessoa de Barros (2014), bem como de textos à luz da Semiótica das Paixões e (sócio)semiótica por meio de estudos realizados por Eric Landowski (2002).

⁵ Cada curso recebe uma denominação diferente para a disciplina. Em Gestão de Turismo, a disciplina denomina-se *Língua Portuguesa I, II, III e IV*; já em Gestão Comercial, denomina-se *Português I, II e III*.

⁶ Facebook é uma rede social lançada em 2004. O Facebook foi fundado por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade Harvard. Este termo é composto por *face* (que significa cara em português) e *book* (que significa livro), o que indica que a tradução literal de facebook pode ser "livro de caras".

⁷ Alunas do quarto período do curso de Gestão de Turismo da Fatec São Roque.

(2) *Semiótica das paixões: o japonês imigrante no Brasil no período pós- segunda guerra mundial*⁸

RESUMO: *Após o bombardeio nuclear que assolou as províncias de Hiroshima e Nagasaki, fato que concretou na rendição incondicional nipônica no dia 15 de agosto de 1945, formalizado na assinatura do acordo de rendição japonesa em 02 de setembro, a Segunda Grande Guerra, finalmente acabou. O texto explorado por Fernando Morais (2000), no livro “Corações Sujos”, demonstra como as relações e impressões com a desistência e propagação dessa informação afetou os imigrantes japoneses no período pós-guerra no Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo. Esse artigo analisa, utilizando dos textos de Greimas (1993) e Mikhail Bakhtin (1992), para, através da Semiótica das Paixões e da análise do Discurso, analisar quais foram os fatores que levaram a negação por parte dos membros da “Shindo Renmei” a negarem, conflitarem e matarem os imigrantes orientais que acreditassem na derrota do Japão.*

PALAVRAS-CHAVE: *Shindo Renmei. Corações Sujos. Segunda Guerra.*

(3) *E-mail: um gênero textual emergente*⁹

RESUMO: *Este artigo tem por objetivo uma abordagem do gênero e-mail como um novo modelo textual de comunicação, amplamente utilizado nos meios acadêmicos, comerciais, institucionais, público e privado à luz de M. Bakhtin (1992) e Paiva (2010). Trata-se de um gênero textual que permite uma conexão quase instantânea entre emissor e receptor ou receptores, uma vez que o texto pode ser compartilhado se o emissor assim o desejar. Com a evolução da rede mundial de computadores, esse gênero se difundiu, rapidamente, como um aplicativo de comunicação universal e fomentou sobremaneira a inclusão social pela sua abrangência e informalidade. Para usá-lo, basta criar uma conta com endereço eletrônico e um computador pessoal ou equipamento móvel, conectado à rede mundial de computadores, também conhecida como internet. As principais características do gênero são: informalidade, objetividade e velocidade. No âmbito da gestão de pessoas e recursos, o e-mail¹⁰ tem sido largamente utilizado para comunicação, pois cumpre as principais exigências com muita eficiência.*

PALAVRAS-CHAVE: *Artigo científico. Gêneros Textuais Digitais. E-mail.*

⁸ Aluno do quarto período do curso de Gestão Turismo da Fatec São Roque.

⁹ Alunos do segundo período do curso de Gestão Comercial da Fatec São Roque.

¹⁰ O e-mail, abreviatura de *electronic mail*, traduzido para *correio eletrônico*, é uma ferramenta tecnológica conhecida por quebrar barreiras geográficas. Ele permite a troca de mensagens instantâneas entre pessoas de todo o mundo, desde que possuam computadores ou outros dispositivos com tal funcionalidade e com conexão à internet. Foi inventado por Ray Tomlinson, um programador dos Estados Unidos. Em 1971, o programador usou a ARPANET (a rede de computadores que deu origem à Internet) para fazer envio e leitura de mensagens simples.

Nota-se que os alunos tiveram um cuidado com a linguagem acadêmica, bem como com as teorias propostas ao estudo de objetos de estudo – teoria do discurso e semiótica das paixões. O primeiro resumo, *A intolerância na rede social facebook sob ótica da semiótica das paixões*, refere-se à análise de discursos intolerantes em redes sociais e isso denota a forma pela qual o aluno fez um estudo não apenas pela análise semiótica, mas também analisou-se a forma pela qual esses discursos representam determinadas esferas da comunicação verbal.

Observou-se a forma como os sujeitos interagem, quando dos contratos estabelecidos e, por assim dizer, os estados passionais que são responsáveis pelas. Trata-se de uma compreensão dos estados de alma que engendram diferentes discursos, propriamente os gêneros virtuais de acesso constante pelos internautas, além de relacionar-se às novas práticas de uso da língua, sua importância como uma aprendizagem viva, eficiente e on-line. Dessa perspectiva, a finalidade desse artigo produzido pelos alunos foi a de desvendar as artimanhas que engendram a linguagem, as especificidades dos *gêneros virtuais*, aqueles que se constroem ou são construídos pela mídia virtual e circulam socialmente nas diferentes esferas da comunicação verbal.

O querer-dizer do locutor diz respeito a uma gama de conhecimentos, visão de mundo dos interlocutores. Em outros termos, não há pergunta sem resposta, assim também não há diálogo sem que haja a participação dos sujeitos da comunicação verbal. Se o enunciado é produzido por alguém acerca de *outrem*, confere-se a este enunciado determinadas especificidades. Uma delas é o fato de estar voltado a diferentes esferas da atividade humana, outra, apresentar-se como *tipos relativamente estáveis de enunciados*, denominados gêneros do discurso. O que vale dizer que

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1992, p. 279)

O segundo resumo, *Semiótica das paixões: o japonês imigrante no Brasil no período pós- segunda guerra mundial*, relaciona-se a uma análise semiótica de artigos oriundos do livro reportagem, *Corações Sujos*, do autor Fernando Morais (2000). O autor, ao escrever essa obra, aborda com uma riqueza única de detalhes os principais dramas vividos pelos súditos do eixo, mais especificamente os imigrantes nipônicos no Brasil, durante o período de conflito e pós-conflito. Trata-se de um artigo que privilegiou uma análise das diversas ferramentas dispostas pela semiótica, implícitas em análises fundamentais, narrativas e discursivas, que posteriormente se estendeu a uma análise com base na Semiótica das Paixões, quais foram as principais vontades e intuítos usados pelo autor, ao retratar o conflito social, utilizando-se como objeto de análise.

O contexto histórico é levado em consideração em todo trabalho, no que diz respeito aos fatores que desenvolveram sentimentos xenofóbicos, na década de 40, ou seja, a relação de imigração e, posteriormente, a relação de guerrilha. A partir dessas palavras, o movimento da Shindo Renmei assumiu o papel de combater e fazer justiça

contra os *corações sujos*, japoneses que acreditavam na vitória dos aliados e na derrota do Japão. Para tanto, o discurso do imperador Hiroito é também analisado com base nas ferramentas metodológicas da semiótica, uma vez que ele é retratado no texto em questão.

Sabe-se que a semiótica apresenta-se como uma teoria da relação, a dimensão semiótica da produção da *alteridade*. Embora haja a convicção de que o mundo seja um universo articulado e diferenciado, nem por isso há, entre *Nós* e o *Outro*, fronteiras naturais – há apenas as demarcações que são construídas, bricolagens a partir das articulações perceptíveis do mundo natural. Em outras palavras, não há como conceber o fato de que não existam processos de bricolagem para a construção do sujeito(s). Admitir que o fato de o *Outro* ser diferente não basta para representar o ponto de vista adotado, mas, sobretudo, a função daquilo que se adota, é criar a possibilidade de outros modos de relação com as figuras singulares que o encarnam.

Barros (2014), em estudos dessa natureza, considera a paixão uma dimensão importante do discurso e o sujeito da enunciação, um sujeito apaixonado. Esse estudo corresponde às marcas linguísticas e enunciativas que recobram os discursos, bem como a questão da aspectualização, seja de ordem temporal ou espacial. Trata-se de um estudo das paixões humanas, de um rito de passagem entre dois polos: o primeiro reflete uma mudança de percurso de sentido para os estudos semióticos, o segundo, uma mudança de comportamento que leva o sujeito a (re)agir frente a determinadas situações circunstanciais. O *modus operandi* desses sujeitos é o da rejeição àqueles dessemelhantes, os estrangeiros no grupo de referência, como postula Eric Landowski (2002).

Sabe-se que a Semiótica surgiu na década de 60, de linha francesa, preocupada com os *processos de significação dos textos*. Tal teoria geral das ciências da linguagem propõe uma metodologia de análise de diferentes textos. Por necessidade de um estudo que não apenas privilegiasse uma posição puramente ontológica, bem como afastamento da análise de natureza metafísica, ou cunho psicológico, surgiu a Semiótica das Paixões na década de 80.

Esse estudo representa, além do exame das paixões enunciadas, depreender e avaliar, a partir da análise dos textos, as condições de produção dos efeitos de sentido passionais, dentro da perspectiva semiótica, não só da significação atualizada pelo enunciador, quando da produção do enunciado, mas inclusive da significação realizada pelo enunciatário, no instante do seu contato com o texto. Com efeito, o estudo privilegia o discurso enunciado e manifestado por uma linguagem qualquer, e tomando-o como ponto de partida, condições de observar o modo como a tríade, enunciador/enunciado/enunciatário, interage no processo de geração de sentido.

E, por fim, o terceiro resumo, *E-mail: um gênero textual emergente*, refere-se ao gênero virtual *e-mail* com suas características próprias, dada a esfera da comunicação virtual. Os alunos do Curso de Gestão Comercial da Fatec/SR tiveram por preocupação trazer à baila a importância do estudo dos gêneros virtuais, em especial, as especificidades do gênero do discurso *e-mail* como uma modalidade hipertextual

presente na esfera virtual. Os hipertextos fazem parte desse processo evolutivo que vai adequando o discurso segundo o avanço tecnológico nas comunicações, pois os novos gêneros citados por Bakhtin (1992) não podem ser dissociados do binômio tempo e espaço, que determina as situações do discurso e a dialética.

Dentro da classificação bakhtiniana os hipertextos se enquadram nos dois gêneros básicos: primário e secundário. Mas pode também servir para propósitos de comunicação mais refinada e elaborada, que se enquadram no gênero secundário, tais como teses científicas, poemas, documentos, etc. Portanto, os hipertextos são gêneros versáteis que atendem a vários propósitos, razão da grande difusão e aplicabilidade.

Cumprir lembrar que a tecnologia da informação tem sido uma ferramenta importante para melhorar a comunicação dentro das organizações, visando a integração de todas as áreas e contribuindo para a gestão eficaz dos negócios. Nesse contexto, o gênero *e-mail* tem contribuído de maneira significativa como modelo de comunicação e interação nas organizações, tornando a gestão de pessoas e processos mais eficientes e eficazes. Com efeito, esses alunos do Curso de Gestão Comercial da Fatec/SR tiveram por preocupação trazer à baila a importância do estudo dos gêneros virtuais, em especial, as especificidades do gênero do discurso *e-mail* como uma modalidade hipertextual presente na esfera virtual.

Dessa perspectiva, considerou-se para este estudo a possibilidade de duas teorias, a do discurso e a da semiótica, poderem dialogar e contribuir com o trabalho com linguagem acadêmica, no sentido de representar uma metodologia de análise, quando da produção de artigos acadêmicos. Privilegiou-se, pois, apenas três resumos e a forma pela qual os alunos desenvolveram as análises. O propósito não foi o de apresentar o artigo na sua integralidade, mas sim mostrar uma forma de pensar o ensino de língua portuguesa na esfera acadêmica de dois cursos tecnológicos: *Gestão de Turismo e Gestão Comercial*.

4. Considerações finais

O artigo teve por objetivo mostrar a forma pela qual a Língua Portuguesa, tendo como ferramenta de trabalho a Semiótica Discursiva, associada à Teoria do Discurso, pôde contribuir com o aprendizado em leitura e escrita acadêmicas. A proposta foi a de apresentar análise de resumos, oriundos de artigos científicos, elaborados por alunos do Curso Gestão de Turismo e Gestão Comercial da Fatec/SR. Para os alunos do curso de Gestão de Turismo, os artigos foram desenvolvidos durante dois semestres (terceiro e quarto períodos), tendo como metodologia de trabalho a semiótica discursiva, visual e, por fim, a semiótica das paixões. Já para o curso de Gestão Comercial, houve a proposta de elaboração de um artigo a alunos do segundo período. Com efeito, comprovou-se o resultado desse trabalho de produção de artigos científicos por alunos de cursos tecnológicos, dada a metodologia adotada no trabalho com a linguagem acadêmica.

À luz de estudos desenvolvidos por Bakhtin (1992), Landowski (2002) e, por fim, estudos desenvolvidos por Barros (2014), o artigo privilegiou o trabalho com a linguagem científica, tendo como objeto de análise, resumos de artigos científicos,

desenvolvidos por acadêmicos de cursos tecnológicos. O estudo pôde demonstrar a importância de se levar em conta o trabalho com gêneros acadêmicos, propiciando o desenvolvimento da leitura e escrita acadêmicas.

O primeiro resumo analisado referiu-se à temática do discurso intolerante de redes sociais, em especial, análise de discursos veiculados pelo *facebook*. Considerou-se, neste estudo, as especificidades dos gêneros emergentes correspondendo à esfera virtual e os estados passionais dos sujeitos envolvidos em discursos dessa natureza. No segundo resumo, apresentou-se a análise de um dos capítulos do livro *Corações Sujos* do autor Fernando Morais (2000). Esse estudo demonstrou que o aluno contemplou uma análise dos discursos, engendrados em um contexto histórico do período do pós-guerra no Brasil, no que tange aos estados passionais dos sujeitos envolvidos: imigrantes japoneses mais especificamente na cidade de São Paulo.

O terceiro resumo teve por finalidade demonstrar a relevância dos novos gêneros textuais digitais nos meios de comunicação. Notadamente, a importância do gênero *e-mail*, que tem sido utilizado de maneira ampla e frequente, em todas as esferas de relacionamentos humanos. O cerne de todo novo gênero de discurso será a questão da linguagem, de como explorar melhor os recursos para que a comunicação entre as pessoas transcorra com maior eficiência, buscando transmitir não apenas conteúdo, mas sentimentos e emoções.

Dessas considerações referentes ao resultado do trabalho desenvolvido, acredita-se que o ensino de língua pode avançar no sentido de proporcionar ao aluno de cursos tecnológicos uma visão diferenciada de estudo com gêneros do discurso. Em outros termos, pensar a língua na esfera acadêmica, além de enfatizar a importância de uma metodologia que proporcione o trabalho com gêneros acadêmicos, ao longo de quatro semestres dos cursos em Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo. Evidencia-se, pois, o trato com a linguagem em suas especificidades para que o aluno possa chegar aos próximos semestres, quando da escrita acadêmica, em especial, a escrita do trabalho de conclusão de curso, com um melhor domínio desse gênero acadêmico, além de maior aprofundamento no que diz respeito à pesquisa e à análise de cunho científico.

1. Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. 1992. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, _____ . 1992. *Estética da criação verbal*. SP: Martins fontes.
- BARROS, D.L.P. 1999. Contribuições de Bakhtin às teorias de texto e do discurso. In: C.A. FARACO; C. TEZZA e G. CASTRO (Orgs.), 1999, *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. da UFPR. 2a. ed. p. 21-42.
- _____. 2001. *Teoria do discurso – fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- BARROS, D.L.P. 2002. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática.
- BARROS, D.L.P. 2014. *O discurso intolerante na internet: enunciação e interação*. Disponível online em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0716-1.pdf>. Acesso em: 05.ago.2017.

- BRAIT B. 1999. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: C.A. FARACO; C. TEZZA e G. CASTRO (Orgs.), 1999, *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2a. ed., pp.69-92.
- GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. 1983. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Ática,
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. 1993. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática.
- LANDOWSKI, E. 2002. *Presenças do outro*. São Paulo: Editora Perspectiva,
- MARCUSCHI, L.A. 2001. *Da fala para escrita – atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- _____. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial,
- MORAIS, F. 2000. *Corações Sujos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PIETROFORTE, A.V. 2004. *Semiótica visual – os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. 2004. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas/SP: Mercado de Letras,
- V.L.O.PAIVA. 2010. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A; A.C.XAVIER (Orgs.), 2010, *Hipertexto e gêneros digitais – novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 3a.ed. pp.81-108.
- BARROS, D.L P. 2014. *O discurso intolerante na internet: enunciação e interação*. Disponível online em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0716-1.pdf>. Acesso em: 05.ago.2017.